

PSICOGÊNESE OCIDENTAL DA ALFABETIZAÇÃO COMO FONTE DE METODOLOGIA

Oswaldo Scotti*

O problema do analfabetismo é uma realidade desafiante no Brasil. Há tempo que isto se faz sentir, e os esforços realizados até agora não conseguiram minimizá-lo significativamente. Diversas políticas educacionais, enfrentando este problema, criaram esperanças, mas terminaram se perdendo por diversas causas. É necessário não perder o fôlego. Com humildade científica e fervor supra-partidário, será possível chegar a um resultado satisfatório.

Olhando para essas diferentes propostas ou práxis alfabetizadoras, percebemos que existiam falhas nas suas metodologias e que as mesmas provinham de visões parciais ou reducionistas da realidade.

A psicogênese da lecto-escrita da criança, divulgada

* Pró-Reitor de Extensão da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Formado em Pedagogia e Filosofia na Argentina, reconhecidos no Brasil pela Universidade de São Paulo - USP. Formado em Teologia, no Brasil, reconhecido pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. Mestrando do Programa de Mestrado em Educação da UCDB.

por Emília Ferreiro e Ana Teberosky¹, foi uma contribuição de grande valor que, nestes últimos, tempos influenciou significativamente, sugerindo mudanças radicais na metodologia da alfabetização. Esta análise, porém, pelo fato de observar a criança num contexto artificial, de laboratório, isolada do meio ambiente, ofereceu essa visão reducionista acima mencionada, com afirmações lamentáveis no campo da metodologia ou didática.

A dimensão social ou a influência do meio ambiente foi muito ignorada. É verdade que esta não provoca, como *causa e efeito*, a construção do conhecimento, mas funciona como ambiente *condicionante e seletivo* de grande importância na formação do mesmo.

É necessário, portanto, completar este quadro e oferecer sugestões metodológicas mais complexas e integradas. Vamos considerar, neste artigo, a *psicogênese ocidental da escrita, como mais uma fonte inspiradora da metodologia da alfabetização*.

PSICOGÊNESE OCIDENTAL DA ALFABETIZAÇÃO

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação, da Secretaria de Educação do Governo de São Paulo, sob a direção de Fernando Passos, elaborou um vídeo-documento

¹ FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 4. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.

sobre o caminho percorrido pela humanidade rumo à alfabetização fonética da nossa sociedade ocidental. Apresentamos uma resenha desta história.

1 - FENOMENOLOGIA

1º Momento: REPRODUÇÃO DA REALIDADE

Os *rastros* deixados pelos animais da natureza orientam os homens sobre os perigos que os rodeiam ou o rumo a tomar para a caça dos mesmos. Também os homens começam a se comunicar deixando *sinais* significativos. Os sinais mais primitivos achados são reproduções do real, embora não com significados precisos. Temos, por exemplo, uma mulher grávida e desenhos de tatu. O que estes significam? Caçamos um tatu? Comemos um tatu? O tatu tem medo de nós?

Aparecem, depois, seqüências de desenhos que representam as idéias expostas na fala. É uma comunicação mais ampla e precisa, no sentido que não expõem acontecimentos ou conteúdos isolados, mas uma seqüência em paralelo com a língua falada, ligadas não foneticamente, mas pelos conteúdos ideológicos. Assim, por exemplo, aparecem três pictogramas representando: homem-caça-tatu.

Aproximadamente há 5500 anos a.C., os povos sumérios já determinavam alguns desenhos com significado fixo. Temos, assim, os desenhos de: boi, montanha, sol, estrela, homens e outros. Todos representam objetos

concretos da experiência no dia-a-dia. Os egípcios chegaram, depois, a mais de 600 pictogramas, entre eles: água, sol, pato, homem, mulher.

Entre os chineses, encontramos também os pictogramas de água, sol, mulher, homem. O comum denominador entre eles é que são todos desenhos com *significado determinado* e realidades concretas.

2º Momento: SURGIMENTO DAS CIDADES

Com o surgimento das cidades, vieram duas grandes contribuições: a memória histórica e o surgimento de material mais adequado para a comunicação, como a argila úmida, papiro, cerâmica, pincéis.

Os desenhos começaram a se tornar convencionais, perdendo a relação ou descrição direta com os objetos representados, até se transformarem em inteiramente convencionais. Esta escrita é chamada de *cuneiforme*.

Na escrita cuneiforme é necessário ensinar qual é o objeto representado, já que isto não aparece claramente.

Com o tempo, surgiu a necessidade de representar conteúdos não concretos: estrangeira, divina, discussão. Tornou-se necessário, portanto, a criação de pictogramas convencionais apropriados. Mais ainda, deviam representar também ações, relações entre pessoas, idéias abstratas, como: ir e vir, filho, pessoas, lugares, vida, morte. Surgiu assim a idéia *genial* de representar o *som*. Deu-se um passo enorme na história da grafia, passando-se do pictográfico para o fonográfico.

Os sumérios, por exemplo, usavam a palavra *ti* para representar flecha e vida, os egípcios usavam a palavra *sa*, para representar pato e filho. A escrita, portanto, passou a representar a fala que já tinha incluído o seu significado. A preocupação, nesta fase, era aprimorar a escrita de todos os sons da fala ou linguagem oral. Os egípcios, cretenses, chineses, japoneses passaram a usar pictogramas *silábicos*.

Pelo ano 2000 a.C., os fenícios, dados à intensa atividade comercial marítima, foram os divulgadores destes progressos e os que iriam ainda aprimorá-los.

Os fenícios definiram vinte e dois fonemas da própria língua e procuraram vinte e dois objetos, dos quais o fonema inicial representava o fonema desejado. Assim, por exemplo, escolheram a palavra *aleph* (boi) para representar o fonema "a". Desenharam a cabeça do boi que terminou estilizada na letra. Assim, as letras nasceram amarradas ao fonema inicial de uma palavra pela relação que ambas tinham com o significado. A letra, portanto, não era um símbolo vazio. Ela tinha vida, sentido, ligando forma, som e significado a partir de uma experiência visual e auditiva. "(...) a letra não é simplesmente um sinal convencional, artificial, indefinido, mas um ser vivo, com corpo e voz com o qual se comunica"².

No início, deu-se à consoante o valor silábico. Somente pelo ano 800 a.C., os gregos tiveram todo o alfabeto representando todos os elementos de uma sílaba. Nesta fase, apareceu também a idéia comandando a forma

² BLEECKER, Miguel de. *Sistema de alfabetização*. Argentina : LES, 1963. p. 7-22.

de escrever, no caso de fonemas iguais, com significados diferentes. Apareceram, assim, grafias diferentes para o mesmo som, por exemplo: conserto-concerto.

2 - INTERPRETAÇÃO

Esta história sociológica da nossa escrita é riquíssima em *sugestões claras* para uma metodologia da alfabetização. O caminho milenar percorrido pela humanidade indica um roteiro de atividades e técnicas a serem seguidas, para facilitar a construção do conhecimento em poucos dias. A memória acumulada e aproveitada permite o progresso.

2.1 - CONTEÚDO

Fica claro que a humanidade, com relação à escrita, procurou sempre a comunicação de conteúdos definidos. Foram estes que fizeram progredir as diversas hipóteses e teses, até chegarem ao presente. Neste sentido, há uma sintonia perfeita com a pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em relação à psicogênese da escrita na criança. Também nela, o *significado* é o carro-chefe que puxa as contínuas reelaborações de teses.

Uma boa metodologia da alfabetização nega, portanto, qualquer atividade mecânica vazia de significado, como

ser o puro decifrado, cópia ou leitura, que nada tem a dizer.

Também partir de textos complexos para neles aprender as letras e a escrita seria possível só através de um acompanhamento personalizado e crítico do professor (método socrático).

A escrita de palavras concretas e do meio ambiente são o ponto natural de partida. Nada de estranho ou prejudicial será, portanto, a elaboração de textos (cartilhas) que tenham estes conteúdos: objetos conhecidos, com palavras simples, textos de ações corriqueiras e, finalmente, conteúdos abstratos ou descrição de relações humanas.

O comportamento espontâneo das crianças segue os mesmos passos da humanidade: ela começa desenhando, depois estiliza os desenhos, justapõe desenhos, observa detalhes, descobre formas definidas e a intermediação do fonético, partindo para afirmações abstratas e de relação para finalizar nos problemas ortográficos.

Esta evolução vai acompanhada sempre por uma forte linguagem convencional.

2.2 - CONVENCIONAL

Na escrita, o convencional acompanha todo o processo. O professor deve usar esta linguagem. Já na oralidade, o convencional se faz sentir. Na escrita, o convencional cresce significativamente a partir da escrita cuneiforme, melhor ainda, a partir desse momento, torna-

se imprescindível. A criança, hoje, encontra-se diante de uma escrita cheia de convencionalismos. Será necessário, portanto, introduzi-la progressivamente neste mundo, caso contrário, deverá levar muito tempo e gastar muita energia em atividades dispersivas, decepcionantes e inúteis.

Na história da escrita, percebemos que os mesmos objetos são representados de maneira diversa e a evolução através dos tempos aumenta estas diferenças. Eis a necessidade da intervenção constante do alfabetizador para impedir que a criança tome rumos subjetivos, que poderão ser os mais coerentes possíveis, mas não serão os mesmos da escrita que todos usam e que a criança deseja apreender.

A coerência com a memória histórica será um fator fundamental, já que o aprendizado da escrita tem mais a ver com descoberta e assimilação do que com criatividade. A criatividade coerente com os padrões da escrita será um teste indicativo de uma verdadeira conquista social da comunicação.

2.3 - GÊNESES DAS LETRAS

Enquanto a humanidade não tinha descoberto a intermediação do fonético, procurava desenhar (escrever) os conteúdos. Até esse momento, a escrita era sintética. Os desenhos tenha uma semelhança de forma com a realidade. Depois, por influência do convencional, foram se distanciando deste condicionamento, mas conservaram o seu aspecto sintético, isto é: um desenho para uma idéia. Com a

descoberta do fonético, deu-se um grande passo e a preocupação começou a ser *como* representá-lo. Novamente a experiência anterior falou forte e, a partir de desenhos estilizados, surgiram as letras. A letra tem algo a ver com o fonético, porque ela faz parte de um conteúdo que também o fonético possui. A letra *a* é da palavra *aleph* (boi) e a sua grafia resultou do desenho estilizado do boi. A identificação do fonema, no início da palavra, coincide também com a psicogênese da criança que reconhece na letra chave (inicial) o significado da palavra. Deve-se procurar uma amarração natural e lógica entre letras, fonemas e objetos.

Quando uma criança aprende uma letra, se não conhece o porquê dessa forma, vai aparecer sempre como uma *sombra macabra*. Por que *Roberto* escreve *assim* e não assim: *Eurm*? Apresentar as letras como desenho estilizado de um fonema contendo uma realidade determinada que tem semelhança com a forma da letra será um recurso didático muito válido e até recomendável. A gênese da letra tem a ver com a gênese do conhecimento.

2.4 - FONOGRAFICO

A passagem do pictográfico para o fonográfico foi a consequência imediata, genial e irreversível da descoberta da intermediação do fonético e a possibilidade de poder desenhá-lo. Como o conteúdo *determinado* orientou sempre a evolução da escrita, assim também o esforço da escrita fonética foi orientado pela necessidade de estabelecer uma relação fixa entre grafia e som e, através dela, com o significado.

A criança, conhecendo conteúdos, passa a expressá-los em fonemas. Depois de observar a realidade, passa a inventar desenhos que os representem. Finalmente, descobre que já existem desenhos representando essas realidades. Ela os assume, só que inicialmente lhes dá um valor sonoro ocasional e subjetivo. Com o tempo, percebe que a estabilidade significativa exige também estabilidade de relação entre grafia e som. Começa, então, a tarefa difícil de descobrir, gravar e automatizar esta relação, podendo *fluir* a comunicação.

Isto pode ser feito de maneira parcelada e progressiva, porém, jamais descuidando o fundamental: o conteúdo. Uma boa metodologia deve observar tudo isto.

A criança, na descrição feita por FERREIRO³, descobre a intermediação do fonético muito tardiamente, em paralelo com a gênese da humanidade. Depreende-se disto que é muito importante o alfabetizador sensibilizar e orientar a criança para que concentre sua atenção e esforço criativo neste ponto, verdadeira *lâmpada de aladim* para a compreensão da escrita.

Se a criança deve se esforçar por descobrir sozinha o que a humanidade fez em milhares de anos, nunca teremos o progresso no conhecimento. Portanto, o alfabetizador deve oferecer ao alfabetizando o que já existe: oralidade, código e fonética. Depois, oportunizar, explicando e treinando o uso dos mesmos, explicitando todas as *convenções* num contexto de perfeita comunicação.

³ FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 4. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.

3 - CONCLUSÃO

Após essas reflexões, podemos perceber que a Psicogênese ocidental da alfabetização é uma verdadeira fonte inspiradora de metodologia. O interessante é que nenhuma informação se opõe ao que foi observado na psicogênese da escrita na criança. A micro-gênese e a macro-gênese, em sintonia, transformam-se também num critério de veracidade. As conclusões destes dois trabalhos se confirmam ou se complementam. Devemos, no entanto, esclarecer que algumas conclusões deste artigo se opõem a certas interpretações que alguns autores fazem da psicogênese da criança.

Podemos fechar este artigo descrevendo sinteticamente as seguintes conclusões:

- 01) O conteúdo deve ser sempre a força animadora, o fio condutor que orienta e amarra toda e qualquer atividade na construção do conhecimento da alfabetização (evitar simples cópias, decifrados, famílias silábicas).
- 02) Usar primeiramente palavras ou textos de conteúdos simples, concretos e do meio ambiente. Cartilhas nada teriam de contra-indicado. Partir de textos desconhecidos e que precisem explicação, diálogo com o professor, só se houver condições de acompanhamento personalizado.
- 03) Usar continuamente a expressão *convencional*, para explicar o porquê. Exemplo: uso do espaço, letras, separações das palavras e outros.

- 04) O professor não deve ter receio de intervir para orientar. Não usar a linguagem repressiva de *errado*, porém, pode usar a expressão *diferente*.
- 05) É didático apresentar as letras como desenhos estilizados, semelhantes aos desenhos reais. Melhor ainda, se essa semelhança tem relação com sons onomatopéicos dos objetos representados.
- 06) Revelar o quanto antes o grande segredo da intermediação do fonético, para concentrar a atenção sobre ele, sem perder jamais a relação com o representado.
- 07) Não ter receio de oferecer o código já convencional. Não o código gramatical, mas o alfabeto-fonético. Historicamente, foi este o ponto de partida. Tudo o que é gramatical aparecerá numa etapa posterior de reflexão sobre a alfabetização já existente.
- 08) Não ter receio de apresentar e treinar todos os fonemas da oralidade. Não estranhar que, fornecendo à criança o código e os fonemas, elas sozinhas descubram a relação fixa entre ambas, e sejam auto-alfabetizadoras.
- 09) Treinar progressivamente a relação grafia e som, para memorizar e automatizar o seu uso, sem jamais omitir o conteúdo.